EURACTIV

RENOVAÇÃO GERACIONAL NA AGRICULTURA

RELATÓRIO ESPECIAL | NOVEMBRO 2019



Ação cofinanciada pela União Europeia

Projecto financiado com o apoio da Comissão Europeia. A informação contida nesta publicação (comunicação) vincula exclusivamente o autor, não sendo a Comissão responsável pela utilização que dela possa ser feita.

EURACTIV

RENOVAÇÃO GERACIONAL NA AGRICULTURA

RELATÓRIO ESPECIAL | NOVEMBRO 2019

Índice

Encargos administrativos levam jovens agricultores a perder apoios europeus 4

Rentabilidade, terra e paixão pelo campo: o triângulo mágico da renovação geracional da agricultura 6

Manter jovens agricultores em áreas rurais é o maior desafio da Croácia 8

Jovens agricultores italianos: trabalho em rede para gerar receita 10

Alentejo "rejuvenesceu" e "profissionalizou" setor dos vinhos e quer ser conhecido no mundo 12

Especulação de terras pressiona jovens agricultores no leste da Alemanha 14

Jovens agricultores em França consideram difícil instalar uma exploração agrícola 16

Encargos administrativos levam jovens agricultores a perder apoios europeus

De Natasha Foote | EURACTIV.com



[SHUTTERSTOCK]

Os jovens agricultores que têm acesso às terras por via de contratos não convencionais são, segundo Bruxelas, elegíveis para subsídios da União Europeia, mas os encargos administrativos sobrepõem-se aos proveitos, penalizando esta classe em detrimento dos proprietários.

A inexistência de terras a preços acessíveis é reconhecida como o maior obstáculo para os novos agricultores, num setor predominantemente envelhecido.

No total, mais de metade das terras agrícolas é gerida por profissionais com mais de 55 anos e quase um terço por agricultores com mais de 65 anos.

Por sua vez, a área total de terras sob a gestão de agricultores com menos de 35 anos corresponde a 6%, verificando-se assim uma necessidade de renovação geracional.

Esta realidade já foi reconhecida pelo Parlamento Europeu que, no seu relatório de 2018 sobre a reforma da Política Agrícola Comum (PAC),

Continua na página 5

Continuação da página 4

defendeu que, "para alcançar uma agricultura sustentável, os jovens agricultores devem poder investir e comprar terras agrícolas".

Verifica-se assim que a estrutura de pagamentos e as medidas de apoio inadequadas têm, muitas vezes, contribuído para o impedimento da entrada em atividade de potenciais agricultores.

Atualmente, um em cada três novos agricultores recebem subsídios públicos.

CONTRATOS PRECÁRIOS E POUCO CONVENCIONAIS

Cada vez mais os agricultores que querem iniciar atividade têm de procurar formas não convencionais de acesso às terras, assumindo os contratos com os proprietários diferentes formatos comerciais e legais.

Em muitos casos, os novos agricultores e os donos das terras ou os operadores ligados à propriedade tornam-se parceiros de negócio, enquanto, noutros casos, a relação afigura-se mais próxima de um tradicional contrato de arrendamento.

Conhecido como 'Commodat' ou "empréstimo para uso", o acordo de acesso gratuito foi classificado no relatório da Comissão Europeia sobre os apoios à instalação de novos agricultores (2016-2017) como "um contrato precário gratuito".

Segundo o documento, na teoria, este tipo de acordo permite uma parceria entre as duas partes, sem um contrato de arrendamento convencional, o que se tem afigurado como uma das principais opções para os donos das terras.

No entanto, estes contratos colocam os agricultores numa situação precária, sem as condições necessárias para exercer a sua atividade e sem qualquer garantia quanto ao valor da renda.

O acesso à terra é um grande obstáculo à instalação de jovens agricultores, conforme reconheceu fonte oficial europeia, em declarações ao portal EURACTIV, acrescentando que uma das prioridades da PAC pós-2020 passa por atrair jovens para o setor e ajudá-los a estabelecer um negócio viável.

COMISSÃO EMPENHADA EM AJUDAR JOVENS

Segundo a União Europeia (UE), desde que os jovens agricultores cumpram os requisitos básicos de elegibilidade, recebem apoios da PAC, enquanto tenham acesso às terras, através de contratos como os 'Commodat', sendo que os apoios são dirigidos para o utilizador das terras e não para o dono.

A responsável pelas comunicações do Conselho Europeu de Jovens Agricultores (CEJA), Fiona Lally, avançou ao EURACTIV que se têm registado várias iniciativas, ao nível dos Estados-membros, que facilitam a transferência de terras entre os agricultores mais velhos e os mais jovens, incluindo a criação de parcerias, como a que já acontece, na Irlanda, com o serviço da mobilidade de terras ou, em Itália, com as chamadas parcerias de tutoria.

Fiona Lally sublinhou ainda que se um contrato ou acordo escrito entre os subscritores destas iniciativas não for contestado, o acesso do agricultor aos subsídios da União Europeia também não será posto em causa. Contudo, nem sempre é isso que se verifica.

O EURACTIV falou com o responsável do movimento 'Terre-en-Vue', cujo trabalho se destina a facilitar o acesso às terras na Bélgica, que disse que, tendo em conta os apoios de baixo ou médio valor e a carga administrativa associada às candidaturas aos subsídios, muitos jovens optam por renunciar a estas ajudas.

David Dupuis indicou ainda que o valor médio atribuído aos jovens agricultores em Valónia (na Bélgica), este ano, foi de 114,15 euros, o que se justifica com o facto de a maioria dos subsídios se adaptar aos projetos mais comuns, enquanto os jovens agricultores dedicam-se, muitas vezes, a projetos inovadores.

Dupuis referiu também que isto revela que, em muitos casos, os jovens horticultores trabalham as terras de outros agricultores ou declarantes que, por sua vez, asseguram pagamentos básicos.

Este é, sobretudo, o caso dos agricultores mais velhos, que disponibilizam as suas terras aos jovens, capitalizando os pagamentos de modo a assegurar a sua reforma, ilustrou.

Por vezes, os proprietários cobram rendas "superiores aos níveis legais estabelecidos por lei", vincou Dupuis.

Opinião semelhante defendeu Zoé Gallez, que também trabalha para o 'Terre-en-Vue', ao referir que, embora tecnicamente os agricultores possam receber apoio financeiro da PAC, independentemente de serem arrendatários ou donos das terras, na prática, se um agricultor aluga um terreno, tendo por base um acordo precário ou temporário a um jovem, geralmente, tende a ter acesso à ajuda.

"As restrições administrativas, muitas vezes, superam a vantagem financeira", concluiu.

Rentabilidade, terra e paixão pelo campo: o triângulo mágico da renovação geracional da agricultura

De Juan Javier Ríos | euroefe



[EFE]

Em Espanha e por toda a União Europeia, mais de 90% dos agricultores estão próximos da idade da reforma, o que significa que a questão da renovação geracional representa um problema sério. Encontrar uma solução depende da combinação de um triângulo mágico: acesso à terra, rentabilidade e paixão pelo campo.

Para tornar a agricultura novamente atraente para os jovens, seria essencial combinar vários fatores, incluindo a herança das empresas familiares, a simplificação do estabelecimento de uma empresa agrícola, garantir preços justos e ajuda pública (entre eles, subsídios da Política Agrícola Comum (PAC)), bem como uma grande paixão pelo setor primário, disseram especialistas ao portal de notícias EFE Agro.

Em 2015, de acordo com os resultados finais de uma pesquisa realizada para a Comissão Europeia (entre mais de 2.000 agricultores com menos de 40 anos), o acesso à terra era uma preocupação "considerável".

É "muito difícil" para "alguém que não herda (uma quinta, por

Continua na página 7

Continuação da página 6

exemplo) ou não possui elementos de produção para iniciar uma atividade agrícola", sublinhou o diretor geral das Cooperativas Agroalimentares de Espanha, Agustín Herrero,. A situação deteriorou-se consideravelmente com a atual baixa rentabilidade.

RENTABILIDADE, UM FATOR ESSENCIAL

Depois de se formar em Ciências Ambientais, o agricultor Juan Escribano (35) voltou à sua cidade natal, Villanueva de Córdoba (Andaluzia, no sul de Espanha), para assumir a gestão da quinta de criação de gado da família e da empresa local de comercialização de presunto.

"Iniciar esta atividade do zero foi muito complicado. Quando ainda não se possuem os fundamentos, é quase impossível", disse à EFE Agro.

A rentabilidade é essencial para avançar e o setor agrícola não é uma exceção a essa regra universal da economia.

O agricultor Agustín Herrero enfatizou que a primeira medida e "talvez a mais difícil" para garantir uma renovação geracional no setor agrícola é atender às condições básicas que permitiriam aos agricultores viverem da atividade no campo.

"Ninguém pensa em construir uma vida numa área com produção escassa, o que torna quase impossível viver dela", reiterou.

A AJUDA DA PAC É SUFICIENTE?

O grande desafio, diz Agustín Herrero, é garantir que a cadeia alimentar gere valor suficiente e seja distribuída de maneira justa, além da existência de medidas regulatórias nacionais e comunitárias importantes.

"Sem ajuda [financeira], [a agricultura] não é rentável", defendeu Pilar Mateos, uma agricultora de Argamasilla de Alba (Ciudad Real, centro de Espanha), acrescentando que muitos produtos agroalimentares "valem pouco".

Pilar Mateos considerou que a ajuda financeira da PAC é essencial, porém, criticou os "pequenos montantes" que esta ajuda da União Europeia (UE) disponibiliza. "Não é suficiente", em muitos casos, para manter um bom padrão de vida.

A paixão pela agricultura também é parte essencial do "círculo virtuoso", disse Escribano.

Escribano e Mateos partilham a mesma paixão pela produção agrícola e agroalimentar. Para ambos, o gado, as vinhas e as oliveiras são uma parte essencial do seu quotidiano.

Graças à sua devoção à agricultura, o peso árduo do trabalho diário torna-se mais leve: "Gosto de estar no campo, é uma forma de conciliação entre trabalho e vida familiar", disse Escribano.

"Costumo levar os meus dois filhos comigo, para que eles possam ter contacto direto com os animais", explicou.

As cooperativas são fundamentais quando se trata de facilitar o trabalho diário, enfrentar dificuldades e conter as crises do mercado no setor agrícola.

A IMPORTÂNCIA DAS COOPERATIVAS PARA O SETOR

As cooperativas e associações de agricultores são um exemplo de união profundamente enraizada no setor agrícola e ajudam a superar a falta de jovens que afeta severamente o setor, segundo o diretor geral das Cooperativas Agroalimentares.

Pilar Mateos está consciente de quão importante continua a ser o apoio da Federação de Mulheres e Famílias da Área Rural (Amfar, em espanhol) ao setor. A Amfar, disse à EFE Agro, orientou-a na implementação de programas agrícolas e forneceu informações valiosas sobre ajuda financeira para o setor agrícola em Espanha.

Juan Escribano, que é chefe do setor pecuário da Feira Agroganadera do Vale dos Pedroches, também reconhece a importância das cooperativas.

A Feira Agroganadera do Vale dos Pedroches é um consórcio espanhol de entidades públicas e privadas. Todos os anos reúne esforços para destacar o valor do setor primário para a economia local.

O setor agrícola da UE precisa dos jovens para garantir o seu futuro, que deve basear-se numa produção de alimentos mais sustentável, saudável e segura.

O desafio é conseguir chegar a uma fórmula que combine de forma perfeita estes estímulos que permitem o acesso à terra, a lucratividade e a paixão para fazer com que a agricultura europeia se erga novamente.

Manter jovens agricultores em áreas rurais é o maior desafio da Croácia

De Karla Juničić | EURACTIV.hr



[Cropix / Euratcitv.hr]
[Tomislav Kristo]

A renovação geracional da agricultura na Croácia é um processo lento, agravado por tendências demográficas negativas, migrações constantes e um mercado não competitivo.

Apesar da propagação dos fundos europeus, que impulsionam um desenvolvimento positivo, muitas outras políticas que podem encorajar os jovens a permanecer em zonas rurais estão ainda atrasadas.

Na Croácia, os jovens agricultores são considerados titulares de explorações agrícolas familiares até atingirem os 40 anos. O número de jovens agricultores está a aumentar, ano após ano, apesar do crescimento ser ainda lento. De acordo com os dados do registo de agricultores, existiam 22.351 jovens agricultores em 2018, o correspondente a 13% do número total de agricultores inscritos.

Dados do registo nacional de agricultores apontam para um crescimento de 4,3%, em comparação com 2017, que também já tinha registado um aumento de 3,8%, em relação a 2016.

O intervalo geracional é evidente, já que mais de 50% dos titulares agrícolas têm mais de 60 anos. Contudo, a percentagem de jovens agricultores coloca a Croácia num nível elevado em relação à média da União Europeia (6%).

Segundo um relatório do Banco Mundial sobre o estado da agricultura na Croácia, o acesso ao mercado laboral da União Europeia e a transformação estrutural constante do setor agroalimentar têm levado a uma migração significativa das áreas rurais, especialmente entre os jovens, o que tem reduzido, por sua vez, a

Continua na página 9

Continuação da página 8

disponibilidade de mão de obra.

O Ministério da Agricultura da Croácia introduziu um conjunto de medidas para incentivar os jovens a permanecerem nas áreas rurais e a dedicarem-se à agricultura.

No total, foram alocados 2,3 mil milhões de euros ao Programa de Desenvolvimento Rural, entre 2014 e 2020, 2 mil milhões dos quais provenientes do Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural (FEADER).

Apesar de ter sido lançado um vasto número de concursos nos últimos anos para usufruto das 16 medidas previstas no programa, os fundos ainda estão subutilizados.

Até ao momento, 2,5 mil milhões de euros dos fundos foram disponibilizados em concursos, 1,73 mil milhões de euros foram autorizados e mil milhões foram concedidos.

Várias medidas têm também atraído jovens, sendo as medidas 4 e 6 as mais interessantes.

Na medida 6, os jovens têm acesso à submedida 6.1.1, que é destinada exclusivamente a agricultores com menos de 40 anos e que cofinancia 50% das suas atividades.

Através da submedida 4.1, os jovens recebem um apoio adicional de 20%, ficando com 70% do seu projeto cofinanciado. Até ao momento, 1.489 projetos de jovens agricultores, num total de 512 milhões de kunas, foram autorizados, no âmbito da medida 6.

COMPLEXIDADE DO PROBLEMA

À primeira vista, os fundos parecem ser um bom incentivo para que os jovens se dediquem à agricultura e para que permaneçam em áreas rurais, mas o problema da renovação geracional é muito mais complexo.

O processo da renovação geracional é lento e resulta, na maior parte dos casos, do encerramento de explorações pequenas e não competitivas, que eram sobretudo geridas por agricultores mais velhos, disse à Euractiv.hr Ornella Mikuš, da Faculdade de Agricultura de Zagreb.

De acordo com esta investigadora, o principal obstáculo à entrada de mais jovens no setor é o facto de "os fundos não poderem resolver o problema. É a função da agricultura doméstica e de outras políticas (demográficas, educacionais e sociais)".

A incerteza do mercado e a falta de competitividade dos produtos é uma preocupação da maioria dos agricultores.

Questionado pela Euractiv.hr, Josip Vrbanek, membro da Câmara da Agricultura Croata e consultor, realçou a má organização e a má conectividade dos jovens produtores, bem como o reduzido número de associações, cooperativas e organizações de produtores.

"Dadas as grandes mudanças no mercado económico na Croácia, nas últimas décadas [a separação da Jugoslávia e a entrada no mercado da União Europeia], os nossos produtores precisam de reagir depressa e um dos modelos de sucesso é certamente a associação. Um dos principais obstáculos é a fraca atividade produtora nesta área, bem como a falta de confiança mútua", acrescentou.

RECEIO DE CORTES ORÇAMENTAIS

Atualmente, a Croácia aproxima-se do fim de um Programa de Desenvolvimento Rural de sete anos (2014-2020), por isso, os fundos destas medidas já foram maioritariamente utilizados. A possibilidade de existirem cortes orçamentais levanta muitas preocupações e divergências.

No domingo (3 de novembro), representantes de várias associações agrícolas alertaram para o facto de a redução do orçamento da agricultura, prevista numa proposta de orçamento da República da Croácia para 2020, poder contribuir para um novo declínio do setor.

O presidente da Associação de Agricultores Independentes da Croácia, Mato Mlinarić, alertou para o facto de se estar a pedir aos agricultores da Croácia que sejam competitivos, quando recebem um apoio 20% inferior ao dos restantes agricultores europeus.

Também a Câmara da Agricultura Croata manifestou a sua preocupação com o orçamento na segunda-feira (4 de novembro).

A ministra da Agricultura, Marija Vučković, reagiu às críticas, dizendo que não era verdade que estivessem previstos cortes diretos no pagamento dos agricultores, acrescentando que os subsídios aos agricultores nunca foram tão elevados e destacando os resultados positivos da medida 6 como um exemplo.

Os fundos europeus de desenvolvimento rural são atualmente o principal contributo para o setor agrícola da Croácia. As falhas na implementação das políticas estruturais de renovação geracional nas áreas rurais, que garantiriam a produção agrícola futura e o abastecimento alimentar da Croácia, vão certamente afetar as assimetrias no desenvolvimento da União Europeia.

Especificamente no caso de existirem cortes orçamentais no programa para o período 2021-2027, o apoio à agricultura na Croácia seria reduzido e limitado, fazendo com que a Croácia se tornasse ainda menos competitiva e rentável no mercado, uma vez que o país foi o último a juntar-se à União Europeia e, como tal, utilizou menos fundos.

Jovens agricultores italianos: trabalho em rede para gerar receita

De Tommaso Cinquemani | Agronotizie



[EPA-EFE/ABBATE]

O número de jovens a entrar no setor agrícola está a aumentar, mas há muitos problemas a enfrentar. O trabalho em rede ('networking') é uma boa maneira de os superar.

Há jovens italianos que também sonham em tornar-se agricultores e não apenas jogadores de futebol e 'top models'. Os números são claros: com mais de 55.000 quintas geridas por jovens com menos de 35 anos, Itália ocupa o primeiro lugar na Europa no que diz respeito a empregar jovens no setor agrícola, que são desde de filhos de agricultores que herdaram o negócio a jovens que, por amor à natureza, embarcaram na aventura.

Segundo dados da Coldiretti, a principal associação de agricultores italianos, os jovens agricultores estão familiarizados com as novas tecnologias, costumam viajar e têm uma atenção particular à proteção ambiental e social. Um em quatro jovens agricultores é uma mulher com formação superior.

No entanto, há uma grande diferença entre os agricultores que decidem iniciar um novo negócio e aqueles que herdam terras da sua família, o que acontece na maioria dos casos. O primeiro grupo corresponde a pessoas com qualificações heterogéneas, que têm um plano de negócios e ideias claras.

Continua na página 11

Continuação da página 10

O principal obstáculo é o acesso ao crédito. Na Sardenha, o preço de um hectare de terra ronda os 17.000 euros e na Ligúria os 108.000, o que significa que num lugar como o Langhe um hectare de vinha pode custar milhões. Mas os fundos disponibilizados pela União Europeia (UE) e pelo governo italiano geralmente tornam o problema menos insuperável.

O PAPEL DA EDUCAÇÃO

Segundo Coldiretti, este ano, 22.000 jovens com menos de 40 anos solicitaram o "subsídio de primeira liquidação" no sul de Itália, mas 78% dos pedidos não foram aceites devido a atrasos administrativos.

Portanto, corre-se o risco de que os fundos da UE vinculados aos programas de desenvolvimento rural 2014-2020 retornem a Bruxelas.

"Um enorme dano a um território que já está em dificuldade", denuncia a Confagricoltura, outra grande associação de agricultores, que culpa a burocracia e as administrações regionais.

A maioria dos jovens que estuda agricultura, no entanto, são filhos e filhas de agricultores, que um dia herdarão os negócios da família. No ano letivo de 2017-2018, 45.566 jovens escolheram frequentar um curso académico em agricultura.

De acordo com uma pesquisa realizada entre os alunos pela AgroInnovation EDU (um programa educacional patrocinado pela Image Line), fica claro que os agricultores modernos vão precisar de estações meteorológicas (52,1%), aplicações da internet para gerir operações de campo (51,1%), GPS (47%) e sensores (45,1%), bem como de mecanismos de busca de produtos fitofarmacêuticos e fertilizantes (39,4%), drones (33,7%) e robôs (10,5%).

No entanto, não é fácil completar essa mudança geracional. "Os jovens agricultores hoje em dia estão por conta própria e, muitas vezes, mesmo preparados do ponto de vista académico, não conseguem fazer a diferença na empresa. No final, é o pai que decide, mesmo que o filho seja o proprietário no papel ", disse Giuseppe Savino, fundador da VàZapp ', à AgroNotizie.

A IMPORTÂNCIA DAS REDES

A VàZapp 'é uma associação de agricultores criada na Puglia, no sul de Itália. A associação permite aos agricultores conhecer, trocar e compartilhar boas práticas.

A ideia para a associação veio de Giuseppe Savino e Don Michele De Paolis, um padre, que morreu aos 93 anos. Ambos viam a terra como fonte de trabalho e não como causa de emigração para o norte.

"Antes de tudo, nós ouvimos. Eu próprio sou agricultor e sei que hoje os agricultores se sentem sozinhos e que não os ouvem. Foi por isso que inventámos o Contadinner".

"São basicamente jantares organizados em casa dos agricultores, onde todos são livres para trocar ideias, problemas e visões ", explicou Savino.

A chave é a rede. Para pequenos agricultores, é necessário criar comunidades para sobreviver. Significa compartilhar boas práticas agrónomas, mas também equipamentos. Por exemplo, porque deve um agricultor suportar os custos de um trator quando estes podem ser compartilhados com um agricultor vizinho? E compartilhando o trator, pode ser também usado um armazém centralizado para evitar roubos.

"Os jovens agricultores têm uma atitude diferente e gostariam de mudar a maneira como trabalham, mas muitas vezes não sabem como. Eles sentem-se isolados", confidenciou Savino. O fundador da VàZapp assumiu o negócio da família, que produz cereais, uvas e azeite em Foggia, Puglia.

De acordo com a visão da VàZapp, os agricultores não são apenas as pessoas que alimentam a humanidade todos os dias; eles também podem ser terapeutas.

"Os cidadãos fogem para o campo em busca de beleza, tranquilidade, um ritmo de vida mais lento. Os agricultores podem tornar-se guardiões da paisagem e criar essas relações de que todas as pessoas precisam", acrescentou. Depois da conexão humana, floresce uma económica, que depois se traduz na venda direta dos produtos da terra.

Finalmente, o que também poderia atrair jovens para o campo, são experiências. Hoje, milhares de pessoas vão ao campo para participar na colheita da uva, ou da azeitona e da preparação do queijo. No novo milénio, a comida deixou de ser apenas mais um bem para satisfazer uma necessidade primária, para ser também uma fonte de experiências capazes de nutrir a alma.

Alentejo "rejuvenesceu" e "profissionalizou" setor dos vinhos e quer ser conhecido no mundo

De Rita Ranhola | Lusa.pt



NUNO VEIGA/LUSA
[Lusa/Nuno Veiga]

Évora, 16 nov 2019 (Lusa) – O setor dos Vinhos do Alentejo, líder de mercado em Portugal, com quatro em cada 10 garrafas vendidas, profissionalizou-se e rejuvenesceu, nas últimas décadas, e ambiciona ser reconhecido a nível mundial, segundo um responsável regional.

Mas, apesar deste trajeto positivo, o setor tem de afirmar-se mais nas exportações e valorizar preços, defende à agência Lusa Francisco Mateus presidente da Comissão Vitivinícola Regional Alentejana (CVRA).

"A vitivinicultura tem peso na região, no contexto do agroalimentar, e tem vindo a crescer", afirma o responsável do organismo que certifica, controla e protege os vinhos com Denominação de Origem Controlada (DOC) Alentejo e Regional Alentejano.

Desde há 30 anos, quando "a região vitivinícola foi delimitada" – em 1988, a CVRA foi criada no ano seguinte – o setor "está hoje muito mais profissionalizado" e "houve um grande trabalho em termos de investigação e de melhores práticas", o que "marcou os vinhos" desta zona de Portugal.

"A forma como os consumidores aceitaram os Vinhos do Alentejo

Continua na página 13

Continuação da página 12

nos primeiros anos da década de 90 teve a ver já com alguma revolução tecnológica" da região e "o Alentejo, em 30 anos, quase que se rejuvenesceu", diz.

Para esta área "entraram pessoas com uma visão muito profissional e jovens com formação e experiência noutros locais do mundo", assinala.

"Há muita gente que trabalha hoje no Alentejo, mas que estudou fora de Portugal ou teve experiências profissionais fora do país e, portanto, vêm com mais 'mundo' e isso é bom. Estamos mais abertos a inovar", argumenta.

O Programa de Sustentabilidade dos Vinhos do Alentejo (PSVA), iniciativa pioneira em Portugal promovida pela CVRA (apesar de existir noutras partes do mundo) é um dos exemplos da inovação que marca a região.

Lançado em 2015, o programa começou "com 94 membros" e, hoje, já tem "386", conta à Lusa João Barroso, gestor do PSVA, que é dirigido a produtores de uva e de vinho da região, mas trabalha também em rede com instituições de investigação, de ensino superior, organismos regionais e nacionais, entre outros.

O PSVA, de adesão voluntária, incentiva as boas práticas ambientais e sustentáveis nas vinhas e adegas e, recentemente, foi um dos 15 vencedores do Concurso Europeu de Inovação Rural 2019, do Projeto LIAISON, que faz parte da Parceria Europeia de Inovação para a Produtividade Agrícola e a Sustentabilidade (EIP-AGRI), da Comissão Europeia.

Os produtores alentejanos também têm estado atentos à União Europeia e aproveitam os apoios comunitários para melhorar as suas instalações e o seu produto.

"Tem havido investimento na modernização de adegas e têm sido importantes" os fundos europeus, diz Francisco Mateus, exemplificando que as ajudas têm sido aproveitadas "para o 'marketing'" e "promoção no estrangeiro", ajudando as adegas a "estarem nos mercados e a irem a feiras".

Já o Programa VITIS, de reestruturação da vinha, tem sido "um marco importantíssimo". Entre 2000 e 2017, foi aprovada uma ajuda global comunitária "de 137 milhões de euros" para o Alentejo, correspondendo "a uns 200 milhões de euros investidos na terra", destaca, aludindo que a área de vinha aprovada para reestruturar foi de "cerca de 17 mil hectares, desde 2000 e até à campanha de 2017/2018".

O Alentejo, em 2018, produziu "107 milhões de litros de vinho", registando "um ano melhor do que o anterior", já que "2017 foi o culminar de três anos de quebra sucessiva de produção", devido à seca. Este ano, a produção não deve "chegar perto desse valor", pela falta de chuva, admite, embora confiante na qualidade: "Os produtores relatam que vamos ter um excelente ano".

Dos 24.544 hectares de vinha no Alentejo, segundo dados de 2018 do Instituto da Vinha e do Vinho (IVV), quase 21.962 hectares estão cadastrados na CVRA. Há 30 anos, essa diferença era muito maior: "À medida que o tempo foi avançando, tornou-se uma mais-valia poder usar a designação Alentejo".

A região "lidera, há muitos anos, a quota de mercado" em Portugal, o principal destino dos seus vinhos: "Temos perto de 40% da quota de mercado dos vinhos certificados, o que é muito bom" e, em 2018, o preço médio foi "superior à média nacional".

Nas exportações, o Alentejo "tem estado relativamente estável" e, em média, entre 2015 e 2018, vendeu quase 20 milhões de litros de vinho para o estrangeiro, com 62,3 milhões de euros de faturação média.

A Europa, "no conjunto, é o principal destino" externo da região, mas, "país a país", os primeiros lugares do "ranking" são ocupados por Angola, Brasil, Estados Unidos e Suíça, acrescenta.

O que falta ainda ao Alentejo é "gerar mais valor monetário" com o seu vinho e "dar o 'salto' para conseguir ter mais vinho para exportação, diversificando o conjunto de países para onde vende o produto", defende.

E a ambição da CVRA, frisa Francisco Mateus, que reconhece que "é um trabalho que nunca acaba", passa por "tornar o Alentejo numa região vitivinícola reconhecida na Europa e a nível mundial".

Especulação de terras pressiona jovens agricultores no leste da Alemanha

De Florence Schulz | EURACTIV.de



[das kooperativ E.v.]

No leste da Alemanha, jovens agricultores têm, cada vez mais, dificuldade em comprar terras porque a maioria dos investidores não compra terrenos para fins agrícolas e as antigas cooperativas da República Democrática Alemã (RDA) estão a ser privatizadas. Não é numa terra de alta qualidade que os agricultores da quinta de Bienenwerder, na zona este de Berlim, estão a produzir legumes. Não só porque o solo de Brandemburgo oriental é arenoso, mas também porque os últimos dois verões ficaram marcados pela seca. Julia Bar-Tal está orgulhosa do que criou com a sua equipa da quinta nesta área, cultivando vegetais biológicos em 45,5 hectares e vendendo mais de 40 diferentes culturas para lojas em Berlim. Esta quinta biológica implica um grande trabalho, levando os agricultores a tratar o solo com cavalos e póneis, de modo a preservá-lo. Bar-Tal possui estes 45 hectares devido à sua ascendência. A sua avó tinha terras no noroeste de Brandenburgo, que foram expropriadas na RDA. Isto deu a Julia Bar-Tal benefícios contratuais que lhe permitiram comprar a maior parte daquela terra arável, a um preço preferencial. “Foi apenas sorte de família. Para muitos

Continua na página 15

Continuação da página 14

outros jovens agricultores não existe a possibilidade de conseguir uma terra, independentemente da sua formação", explicou Bar-Tal. Esta realidade deve-se ao aumento dos preços das terras nos últimos 15 anos. De acordo com dados oficiais do Governo alemão, o preço por hectare de terra em Brandemburgo foi de, em média, 2.500 euros em 2004. Já em 2017, este valor subiu para 11 mil euros, o que se justifica com a espiral de preços que começou alguns anos depois de reunificação alemã.

TERRA CARA

Com o fim da RDA, as grandes cooperativas estatais de produção agrícola foram desmanteladas e privatizadas. Até hoje, a empresa alemã de processamento e administração do solo – a Bodenverwetungs-und Verwaltungs-GmbH (BVVG) – é responsável por esta realidade. A venda de grandes áreas de terra atraiu investidores suprarregionais, sem um histórico ligado à agricultura, aumentando a especulação do preço de terras. O preço por hectare atingiu agora níveis astronómicos. Um olhar sobre o banco de dados BVVG revela compras superiores a 26 mil euros por hectare na região onde a quinta Bienenwerder está localizada. "Os preços das terras têm vindo a ser dissociados daquilo que pode ser gerado a partir da agricultura", referiu Julia Bar-Tal. Assim, as quintas passam, eventualmente, a estar fora dos negócios, ou seja, vão, automaticamente, para uma área na qual as pessoas com capital não agrícola investem. "É um aumento virtual de valor que não corresponde à realidade", acrescentou. Imediatamente após a reunificação da Alemanha, a terra ainda pode ser arrendada a preços acessíveis, o que foi feito, principalmente, pelas grandes cooperativas agrícolas. Hoje em dia, no entanto, os períodos de arrendamento são mais curtos e é necessário um capital substancial ao estabelecer uma quinta. Uma vez que a terra é a base de qualquer investimento futuro, a criação de uma exploração agrícola representa um enorme risco se não for assegurada a longo prazo. "Se queres começar uma quinta, precisas de ter uma grande vontade de assumir riscos, bem como um idealismo insano", afirmou Bar-Tal.

O PROBLEMA DAS PROPOSTAS PÚBLICAS

Um agricultor biológico, com experiência, está sempre bastante preocupado com as práticas de atribuição de terras da BVVG.

"Se são áreas das quais depende o teu sustento e tu não sabes quais são as outras ofertas, claro que licitas por cima", sublinhou.

Segundo o BVVG, este sistema é o mais transparente possível. Se as propostas fossem tornadas públicas, o preço iria subir ainda mais.

Além disso, existem os chamados limites de convidados para o concurso, exclusivamente destinados a jovens ou a agricultores biológicos. Por outro lado, 80% das terras são destinadas a investidores regionais.

Os grandes investidores nem sequer compram, diretamente, as terras.

Em vez disso, compram cooperativas agrícolas, tornando-se, legalmente, agricultores regionais, autorizados a participar nos leilões de terras.

Benjamin Meise sabe, em primeira mão, da inutilidade dos concursos limitados para os agricultores mais jovens. Meise administra uma quinta perto da Bienenwerde, na qual 1.500 de 3.500 hectares são alugados através do BVVG.

Na altura em que 350 hectares foram disponibilizados através dos concursos, Meise queria licitar a terra, mas o preço mínimo era demasiado alto.

Como a terra era excelente, o agricultor manteve 70 hectares a "preços suprarregionais", indicou.

SECAS, 'BREXIT' E REDUÇÃO DOS PAGAMENTOS DIRETOS EUROPEUS

"Como resultado, tivemos de dispensar os funcionários e vender as máquinas. No entanto, devido às secas, ao 'brexit' [saída do Reino Unido da União Europeia] e à eventual redução dos pagamentos diretos da UE", Meise espera que os preços das terras voltem a cair.

"Os preços atingiram o seu pico", referiu.

Como não querem ficar à espera que isso aconteça por si só, estagiários e jovens agricultores da região têm-se organizado, ao longo dos anos, no 'Bündnis Junge Landwirtschaftfor' (espécie de clube para os jovens agricultores, através do qual são desenvolvidas ações de formação ou demonstração).

Protestando, este grupo pode chamar à atenção do público para o "roubo de terras" por grandes investidores, forçando a prática atual de atribuição de terrenos a ser alterada. Julia Bar-Tal também faz parte deste movimento. No mínimo, gostaria de ver uma discussão sobre se as terras de Brandenburgo deveriam ser vendidas. Em alternativa, poderia imaginar um limite dos montantes de compra e de renda, tal como já acontece em França.

"O negócio seria assim muito menos atrativo para os investidores", concluiu.

Jovens agricultores em França consideram difícil instalar uma exploração agrícola

De Cécile Barbière | EURACTIV.fr



[SHUTTERSTOCK]

Entre o difícil acesso aos terrenos e o custo de transferir explorações, os jovens agricultores franceses debatem-se com dificuldades para se estabelecerem. Para além disso, estão longe de ser suficientes para compensar a reforma de quase um em cada dois agricultores até 2026.

Haverá uma renovação geracional na agricultura em França? Nada poderia ser mais incerto. Atualmente, apenas um em cada cinco agricultores em França tem menos de 40 anos. E o número de novos agricultores está longe de ser suficiente para compensar as reformas previstas no setor.

Nos últimos 10 anos, o número de

Continua na página 17

Continuação da página 16

novos agricultores tem variado entre 13.000 e 15.000 por ano, em parte impulsionadas por uma nova geração que não pertencia ao setor agrícola, que representa uma percentagem em crescimento entre os agricultores em início da atividade.

No entanto, este pequeno impulso está longe de ser suficiente para compensar a reforma de uma larga percentagem de agricultores franceses. Até 2026, quase um em cada dois agricultores terão idade suficiente para se aposentarem.

"Se esta tendência continuar, perto de dois terços dos agricultores não serão substituídos", alertou Loïc Quellec, vice-presidente da associação de Jovens Agricultores responsável pela renovação geracional.

Como consequência, o número de agricultores no ativo está a diminuir continuadamente entre 1,5 a 2 por cento por ano. Em 2018, existiam 448.500 agricultores no ativo, quando 10 anos antes existiam 514.000, de acordo com dados do regime de segurança social para funcionários do setor agrícola, o Mutualismo Social Agrícola (MSA).

TERRENOS AGRÍCOLAS EM RISCO?

A falta de entusiasmo das novas gerações pela agricultura deve-se a um conjunto de fatores. O discurso atual sobre a agricultura não incentiva os jovens a procurar carreiras, nem na agricultura nem em outras áreas.

Isso significa que enquanto antes os agricultores transmitiam as suas explorações agrícolas de geração em geração, quase de forma automática, hoje isso não acontece.

"Já não é automático que um dos filhos tome conta do negócio", confirmou Loïc Quellec. "Felizmente, há um número crescente de explorações agrícolas geridas por famílias não ligadas à agricultura, já que os filhos dos agricultores sozinhos não conseguem assegurar a renovação geracional", acrescentou.

A dureza do trabalho e os baixos rendimentos demovem os jovens. De acordo com um estudo do MAS, o rendimento mensal médio dos agricultores é de cerca de 1.250 euros, mas um terço recebe menos de 350 euros por mês.

"Para que os jovens adiram a esta profissão, temos de mudar esta visão de que é uma profissão não rentável. É verdade que há casos complicados, mas também há agricultores que ganham o seu sustento", lembrou Loïc Quellec.

Para facilitar a transferência de explorações agrícolas para fora da família, a Câmara da Agricultura de França estabeleceu, por exemplo, dias de reuniões entre cedentes e adquirentes. Foi nesse contexto que Jacky Tillier, um produtor com 80 vacas charolesas sem um comprador na família, conseguiu encontrar um jovem para tomar conta da sua exploração agrícola.

"O meu medo era que a terra que eu trabalhei acabasse por ser dividida em várias porções e que ninguém se interessasse pelos edifícios. A minha família vivia lá desde 1928 e teria sido doloroso emocionalmente para mim vê-los desaparecer", explicou.

TRANSMISSÃO DIFÍCIL

A transferência de uma exploração agrícola dentro da família também pode ser confusa. "Quando se é filho de um agricultor, pensa-se que constituir uma exploração agrícola será mais fácil, porque se tem acesso a terras, mas, na prática, nem sempre é o caso", explicou o representante da associação de Jovens Agricultores.

Os agricultores, que arrendam com frequência as suas terras, não podem garantir a transferência de licenças agrícolas aos seus filhos. E a especulação fundiária por vezes dificulta a disponibilidade de terrenos.

"Quando eu me estabeleci, levei seis anos a encontrar um lote para construir o meu estábulo e armazenar palha, porque eu estou numa zona muito turística, os Alpes de Haute Provence. Por isso, os proprietários ficam reticentes em autorizar construções agrícolas num lote, porque eles esperam que venha a tornar-se apto para construção", disse o jovem agricultor.

Existem vários mecanismos para apoiar os jovens agricultores, como apoios à instalação e à transferência ou isenções de impostos relativos a heranças, quando são doadas explorações agrícolas de forma gratuita.

MISSÃO PARA A PAC?

Para garantir que os jovens agricultores têm apoios e que as gerações são renovadas, a Política Agrícola Comum (PAC) futura terá um "enorme papel a desempenhar", explicou Loïc Quellec. A proposta atual da próxima PAC prevê que 2% do orçamento nacional seja alocado ao estabelecimento de jovens agricultores.

Mas, ao mesmo tempo, a idade limite para receber a Indemnização Compensatória por Desvantagens Naturais (ICHN), destinada a pessoas com menos de 65 anos, foi extinta por Bruxelas, por ser considerada discriminatória.

Esta ajuda, que pretende apoiar agricultores em áreas onde as condições de produção são mais difíceis, vai, por isso, continuar a ser paga aos agricultores em idade de reforma, mas em detrimento dos jovens.

"Alguns agricultores não se aposentam porque os apoios diretos são mais vantajosos do que a reforma", concluiu Loïc Quellec.



Para obter informações sobre os Relatórios Especiais da **EURACTIV**...

Contacte-nos

Elena Barba
EU Project Manager
elena.barba@euractiv.com
tel. +32 (0)2 788 36 60

Martina Paterniti
Project Manager
martina.paterniti@euractiv.com
tel. +32 (0)2 788 36 83